

O conhecimento tradicional de plantas alimentícias não convencionais (PANC) na Comunidade Nossa Senhora dos Navegantes na Ilha da Várzea do Rio Aurá- Belém-Pará

Maria do Socorro Almeida Flores¹

Délio Reis Matos de Aquino²

AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO AGRÍCOLA SUSTENTÁVEL

RESUMO

O artigo tem como objetivo principal identificar plantas alimentícias não convencionais na comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes (Ilha da Várzea), seus usos pelos moradores da comunidade ou o desconhecimento do uso destas plantas pelos mesmos. Faz referência à soberania alimentar, apontando para uma possível aplicabilidade desta pesquisa básica, no futuro, pela comunidade e que também contribua para a sustentabilidade da diversidade vegetal. A pesquisa básica, qualitativa e descritiva foi produzida em dois campos fundamentais: na Escola Mário Barbosa, na cidade de Belém, junto às famílias dos estudantes vindos da comunidade em visita à escola; e também nas propriedades destas famílias. O período da pesquisa estendeu-se entre os meses de novembro e dezembro de 2016 e de janeiro a junho de 2017. Faz referência à soberania alimentar, apontando para uma possível aplicabilidade desta pesquisa básica, no futuro, pela comunidade e que também contribua para a sustentabilidade da diversidade vegetal. Inclui importante literatura científica referente à botânica, à biologia, à agricultura e a outros conhecimentos acadêmicos que possibilitem um saber que legitime o uso destas plantas como alimentos; em especial, as plantas que não são utilizadas pelos sujeitos da comunidade por desconhecimento da capacidade alimentícia de tais vegetais.

Palavras-chave: PANC; Soberania alimentar; Diversidade vegetal; Pará Amazônia Oriental Brasil.

¹.Orientador Doutora em Meio ambiente, Universidade Federal do Pará, Núcleo de meio ambiente, e-mail: saflores@ufpa.br.

² Bacharel e licenciado em História , especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade, Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará e-mail: delio.mmaquino@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trabalhou com o conceito das plantas alimentícias não convencionais (PANC), na perspectiva do conhecimento empírico da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes (Ilha da Várzea do Rio Aurá), na capital Paraense. Foram realizadas entrevistas não diretivas, observação simples e estudos de fotografias foram realizados nesses dois campos no período de novembro e dezembro de 2016 e de janeiro a junho de 2017.

Outro aspecto considerado neste artigo é a soberania alimentar dos estudantes e seus familiares no contexto socioambiental da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes. Foi também observado a possibilidade do incremento na soberania alimentar a partir do consumo das PANC em comunidades carentes, localizadas na periferia da grande Belém. Isto permitiu uma observação da realidade no contexto de sua alimentação cotidiana. Objetiva-se com essa pesquisa identificar plantas alimentícias não convencionais na comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes (Ilha da Várzea), seus usos pelos moradores da comunidade ou o desconhecimento do uso destas plantas pelos mesmos

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa teve estas características: uma pesquisa bibliográfica que embasou a temática das PANC, As fontes documentais sobre o assunto foram pesquisadas em instituições como EMBRAPA, INPA e no Museu Paraense Emílio Goeldi. foi realizada pesquisa presencial na Estação Científica Ferreira Pena; nas outras duas instituições a coleta de dados foi feita nos bancos de dados disponíveis na internet Também foi realizada uma pesquisa de campo Participativa ou Pesquisa participante como propõe Antônio Joaquim Severino no seu livro, Metodologia do Trabalho

Científico, 24^a (2016); também foi feito o uso de fontes orais: uma técnica bastante utilizada nas pesquisas sociais, definida por Gil (2008), que é a coleta de dados através de entrevistas que permitiram a obtenção de informações sobre o que as pessoas da comunidade sabem, pensam e creem sobre as PANC. Os atores desta pesquisa foram os moradores da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes do Rio Aurá e seu entorno; vinte cinco estudantes de Ensino Fundamental e doze pais ou responsáveis que frequentaram a escola “Mário Barbosa” no período desta pesquisa, foram entrevistados no trabalho de campo nas propriedades da comunidade perfazendo um total de 53 pessoas entrevistadas.

A pesquisa não anunciava formalmente que iria efetivar uma entrevista; no horário pedagógico das aulas de Estudos Amazônicos, nos intervalos em que os estudantes ficavam sem atividades por ausência de professores, no tempo em se esperava o ônibus que os levariam para o porto da Universidade Federal Rural da Amazônia; se fazia os diálogos iniciando com perguntas com essas características: Quando vocês andam pelos caminhos lá da comunidade vocês encontram e comem frutas? São árvores ou vegetais baixos? Todos vocês gostam de comer essas frutas? Vocês levam para casa ou comem tudo no caminho? Os adultos também gostam? Como vocês aprenderam que essas frutas servem para comer.

. Foi utilizada também a técnica de observação simples para a identificação das plantas nos terreiros das moradias dos estudantes e também nas matas às margens do Igarapé Santo Antônio do Aurá, nas matas do interior das propriedades que serviram para identificar as plantas in situ e produzir material fotográfico das mesmas. Foi realizado também o estudo de fotografias produzidas pelos vinte e cinco estudantes, que permitiram fazer um estudo comparativo com as fotografias apresentadas nos livros da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa possibilitou compreender a realidade socioambiental dessa comunidade que habita o meio ambiente às margens e no entorno do rio Aurá, tendo sido possível também verificar como a educação ambiental e suas propostas de sustentabilidade podem servir e auxiliar na promoção da soberania alimentar da

comunidade, a partir do uso das PANC domesticados e/ou coletadas pelos comunitários. O termo PANC, criado no Brasil em 2008, é um conceito dinâmico e relativo, demonstrando, portanto que as plantas que não são convencionais para um povo, uma comunidade ou um grupo de seres humanos, podem ser convencionais há milênios para outras sociedades, como afirmou em uma entrevista para esta pesquisa, no dia 9 de abril de 2017, em Belém (PA), a Cacique Juma Xipaya, da Aldeia Tucamã, do povo Xipaya, na região de Altamira, na chamada Terra do Meio. Valdely Ferreira Kinupp³ (2007) evidencia a importância dessas espécies e a necessidade de pesquisá-las, afirmando que a diversidade de espécies frutíferas e hortaliças nativas (além das cultivadas ou naturalizadas) no Brasil e, especialmente da Amazônia, é imensa

As evidências de saberes tradicionais construídos por várias gerações ficaram explícitos nos relatos obtidos nas entrevistas e nas vivências cotidianas com os moradores da comunidade, mais ainda, na vivência cotidiana com as crianças e adolescentes que frequentaram a escola Mário Barbosa nesse período.

Esta pesquisa identificou 30 PANC nas propriedades da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes. Quatorze dessas PANC (cupuí, bacaba, ingá cipó, ingá chinelo, inajá, bacuri-pari, miriti, fruta-pão, cipó-de-alho, marajá, castanha sapucaia, samaúma, inajá e caapeba da Amazônia nomeada na comunidade como malvaíscio) estão registradas no livro *Aurá: comunidades e florestas* (LISBOA, 2009, p. 31; 167). Em (Lorenzi, 2014), das trinta PANC identificadas não estão registradas apenas o Churu ou Seru, a Gogó de guariba, a Cabeça de macaco, o Mucajá, o Marajá, o Inajá, e a Remela de gato.

Figura 3 — Cabeça-de-macaco



Fonte: Impressões Amazônicas, fotos Altamiro Vilhena

³ Valdely Ferreira Kinupp é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *campus* Manaus-Zona Leste (IFAM-CMZL) e fundador-curador do Herbário (EAFM) deste instituto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa confirma a hipótese inicial de que haveria plantas alimentícias não convencionais (PANC) no espaço habitado pela comunidade Nossa Senhora dos Navegantes. Confirma também a utilização de várias plantas alimentícias e a não utilização de outras importantes para a garantia da soberania alimentar. Evidencia a simultaneidade de conhecimentos tradicionais e de conhecimentos acadêmico-científicos referentes a vinte e oito plantas identificadas, apontando para a complementaridade entre os vários saberes sobre as PANC.

REFERÊNCIAS

- ACTA AMAZONICA, vol. 43, 2013. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v43n1/v43n1a07> acesso em: 11/06/2017.
- ALIM. NUTR. Araraquara, v.19, n.4, out.-dez., 2008. Disponível em: <<http://serv-bib.fcfar.unesp.br/seer/index.php/alimentos/article/viewFile/652/548>>. Acesso em: 15 de fev. 2017.
- ARAÚJO, E. C. E.; VALOIS, E. C.; FERREIRA, V. M. **Bibliografia do bacuri (Platonia insignis Mart.)**. 1999.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. 1998**. Brasília, DF: Senado Federal.
- CNPTIA/EMBRAPA, 2012. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/916564/1/AP2011.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2017.
- KINUPP, Valdely Ferreira. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC**, Manaus, AM, Jul. 2009.
- LISBOA, P. L. B. (org.). **Aurá: comunidades e florestas**. Belém: MPEG, 2009.
- LORENZI, Harri; KINUPP, Valdely Ferreira. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**. São Paulo: Plantarum, 2014.

